



1,05

COORDENAÇÃO GERAL DA TRADUÇÃO:

Luiz Alberto Hanns

1923-1940

VOLUME III

OBRAS PSICOLÓGICAS DE



SIGMUND

Freud

Escritos sobre a
Psicologia do
Inconsciente

O Eu e o Id (1923)

Neurose e Psicose (1924)

O Problema Econômico do Masoquismo
(1924)

A Perda da Realidade na Neurose e
Psicose (1924)

Uma Nota sobre o "Bloco Mágico" (1925)

A Negativa (1925)

Fetichismo (1927)

A Cisão do Eu no Processo de Defesa (1938)

1925

NOTIZ ÜBER DEN “WUNDERBLOCK”

Edições alemãs:

- 1925 • *Int. Z. Psychoanal.*, 11, (1), 1-5.
- 1925 • *G.S.*, 6, 415-20.
- 1931 • *Theoretische Schriften*, 392-8.
- 1948 • *G.W.*, 14, 3-8.

■ **Comentários editoriais da *Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud***

A tradução inglesa é uma reimpressão ligeiramente corrigida da publicada em 1950, com algumas notas adicionais.

Este artigo foi provavelmente escrito no outono de 1924, pois Freud comunicou em outra carta a Abraham que o estava revisando em novembro daquele ano (Jones, 1957, 124-5). O curioso pequeno aparelho que consistiu a base desta engenhosa e esclarecedora discussão dos sistemas consciente, pré-consciente e perceptivo ainda hoje (1961) pode ser obtido muito facilmente, pelo menos na Grã-Bretanha, sob o nome comercial de “Printator”. O tema geral do artigo se tornará muito mais claro se um modelo real dele puder ser examinado e desmontado.

Quando não se confia na própria memória [*Gedächtnis*],¹ o que ocorre de modo evidente com os neuróticos, mas também com os normais — os quais igualmente têm todos os motivos para suspeitar de sua memória —, pode-se recorrer a uma folha de papel para anotar o que não se quer esquecer. Complementa-se e assegura-se, assim, a função mnemônica. Nesse caso, podemos dizer que a superfície que passa a armazenar essa anotação, seja ela uma lousa ou uma folha de papel, corresponderia a uma parte materializada da memória, este aparelho-de-rememorar [*Erinnerungsapparates*]² que carregamos invisível dentro de nós.

Desde que não me esqueça onde guardei a “lembrança” [*Erinnerung*] assim fixada, posso “reproduzi-la” arbitrariamente a qualquer momento, com a certeza de que a reencontrarei inalterada, ou seja, que escapou incólume das deformações que talvez sofresse se permanecesse apenas registrada em minha memória.

Se eu, para melhorar a função de minha memória, quiser me utilizar mais amplamente dessa técnica, terei dois diferentes procedimentos à minha disposição. Posso escolher uma superfície que me permita guardar a anotação intacta e por prazo indeterminado, por exemplo, utilizando uma folha de papel, sobre a qual escrevo com tinta. Obterei, então, um “traço permanente de memória” [*Erinnerungsspur*].³ A desvantagem é que a capacidade de captação da superfície sobre a qual escrevo logo se esgota e sou obrigado a utilizar outra folha, ainda em branco. Além disso, a única vantagem desse procedimento — de produzir um “traço duradouro” — pode deixar de ter importância se, em outro momento, eu não mais tiver interesse na informação e não mais quiser “guardá-la na memória” [*Gedächtnis*]. Um segundo procedimento à minha disposição — escrever com giz sobre uma lousa — não padece desses dois

T.1

T.2

T.3

defeitos. Nesse caso, tenho uma superfície de registro que permanece capaz de recepção por tempo indeterminado, e quando as anotações não mais me interessarem, posso, em vez de descartar a própria superfície utilizada para registro, apenas apagar o que escrevi. Sua desvantagem é que não é possível preservar os traços de forma duradoura. Sempre que quiser fazer novas anotações na lousa, terei de apagar aquelas que já a recobriam. Assim, ambos os dispositivos apresentam o problema de que a capacidade ilimitada de acolher registros não é compatível com uma armazenagem permanente dos traços de memória. Isso nos obriga ou a providenciar sempre uma nova superfície de registro ou a cada vez destruir as anotações anteriores.

Em geral, os dispositivos auxiliares que criamos para melhorar, ou reforçar, nossas funções sensoriais, imitam o todo ou partes do próprio órgão sensorial cuja função devem ampliar (óculos, câmera fotográfica, tubo auditivo, etc.).⁴ Frente a isso, os dispositivos de apoio à nossa memória parecem bastante precários, pois nosso aparato psíquico [*seelischer Apparat*]⁵ consegue justamente algo de que esses dispositivos não são capazes: acolher sempre novas percepções e, ao mesmo tempo, registrá-las como traços permanentes de memória, embora não logre mantê-las imutáveis. Já em 1900, na *Interpretação dos Sonhos*, expressei a suspeita de que essa incrível capacidade devesse ser debitada ao trabalho de dois sistemas diferentes (dois órgãos do aparato psíquico).⁶ Por um lado, possuíamos um sistema *P-Cs.*, que recebe as percepções, mas delas não conserva traços permanentes, de forma que a cada nova percepção ele se comporta como uma tela em branco, e por outro haveria, localizados mais atrás, "sistemas de memória" [*Einnerungssysteme*] responsáveis por produzir os traços permanentes dos estímulos [*Erregungen*]⁷ captados. Posteriormente (*Além do Princípio de Prazer* [1920, ESPI, vol. II, p. 150]) ainda acrescentei a observação de que o fenômeno tão inexplicável da consciência [*Bewusstseins*] se produziria no sistema perceptivo *no lugar* dos traços permanentes.

Gostaria agora de descrever um pequeno dispositivo que há algum tempo passou a ser vendido no comércio, e que se propõe a funcionar melhor que a folha de papel ou a lousa, chamado de *bloco mágico*. Em verdade, não é mais que uma placa da qual se podem eliminar as anotações com um simples gesto. É capaz não só de manter uma superfície sempre apta a receber novas anotações, como também de armazenar permanentemente os traços das anotações anteriores. Analisando-se de perto a sua construção, constata-se uma notável coincidência com a estrutura que descrevi para o aparato perceptivo humano.

A placa marrom-escura pode ser de resina ou cera e tem uma moldura de papel. Recobrindo a placa há uma folha fina e transparente, presa na trave

superior da moldura e solta na parte inferior. O elemento mais interessante do pequeno aparelho é justamente essa folha. Trata-se de uma dupla folha constituída de duas camadas, que estão unidas na extremidade superior e inferior e soltas nas margens laterais. A primeira camada é de celulósido transparente e a segunda, de papel de cera fino e translúcido. Quando o bloco mágico não está em uso, o papel de cera adere levemente à superfície da placa de cera.

Para usar o bloco mágico, basta escrever sobre a primeira camada de celulósido, mas não se necessita de lápis ou giz. Trata-se de um retorno ao antigo sistema de escrita sobre plaquinhas de barro ou cera: utiliza-se um estilete com o qual se risca a superfície produzindo ranhuras que funcionam como "escrita". Entretanto, no caso do bloco mágico, o riscar não ocorre de forma direta sobre a placa, e sim intermediado pela dupla folha que o recobre. A dupla folha retransmite a pressão do estilete para placa de cera e logo letras de tom escuro vão se tornando visíveis sobre a superfície cinza-esbranquiçada do celulósido. Se quisermos desfazer a anotação, basta levantar um pouco a borda inferior da dupla folha, descolando-a da placa de cera,⁸ e os pontos de contato entre o papel de cera e a placa de cera se desmancham, anulando o princípio que tornava a escrita visualizável. Ao baixar novamente a dupla folha e deixá-la em repouso sobre a placa, a escrita não mais se restaura. O bloco mágico agora está limpo para receber novas anotações.

Embora o aparelho tenha pequenas imperfeições, estas não nos interessam aqui. Importa-nos apenas sua semelhança com a estrutura do nosso aparato perceptivo psíquico.

Se, após termos escrito algo, destacarmos cuidadosamente a folha de celulósido da folha de papel de cera, veremos que a escrita aparece com igual nitidez tanto na folha de celulósido como na folha de cera. Por que então a necessidade da folha de celulósido sobre a de cera? Fica claro que se o delgado papel de cera fosse diretamente pressionado com o estilete, produziria dobras ou se rasgaria. É como se a folha de celulósido fosse um invólucro protetor que preserva o papel de cera de influências danosas de fora. O celulósido seria um "escudo protetor contra os estímulos externos" [*Reizschutz*]⁹ e a camada que de fato estaria recebendo e abrigando os estímulos seria o papel de cera. Ora, em *Além do Princípio de Prazer* [ESPI, vol. II, p. 151] descrevi nosso aparato perceptivo psíquico como consistindo de duas camadas: uma de proteção contra os estímulos externos e cuja função é diminuir a magnitude dos impulsos que lhe chegam, e outra camada situada atrás da primeira, que efetivamente recebe os estímulos, o chamado sistema *P-Cs.*, mas essa analogia não teria muito valor se não pudéssemos prosseguir com ela. Como já mencionado, se

SE.4

T.5

SE.6

T.7

SE.8

T.9

destacarmos da placa de cera a dupla folha — isto é, erguendo ligeiramente o celulóide e o papel de cera —, a escrita desaparece para sempre, deixando a superfície do bloco mágico novamente limpa e pronta para receber uma nova escrita. Entretanto, sob uma iluminação adequada, constata-se que, na placa de cera, ficou um registro legível e permanente da escrita anterior. Portanto, o bloco não apenas oferece uma superfície de captação sempre renovável — tal como uma lousa de ardósia —, mas também guarda permanentemente as marcas das anotações anteriores, tal como ocorre com o bloco de papel comum. Assim, para que essas duas capacidades atuem simultaneamente, também o bloco mágico as *distribui por duas de suas partes — sistemas — que, embora separadas, estão interligadas*. Ora, conforme supus acima, este é exatamente o modo como nosso aparato psíquico executa a função perceptiva: a camada que recebe o estímulo — o sistema *P-Cs.* — não forma marcas permanentes; os fundamentos de nossas memórias se produzem em sistemas adjacentes.

Entretanto, embora o bloco mágico não permita reutilizarmos os traços nele fixados, esse fato não deve nos incomodar: para nossos propósitos, basta que os traços estejam nele registrados para sempre. Além disso, sabemos que, em algum momento, uma analogia entre um dispositivo auxiliar e um órgão devia ter um fim. Na verdade o bloco mágico, diferentemente de nossa memória, não é capaz de, a partir de um processamento interno, "restaurar" a escrita que foi já eliminada do papel de cera; ele de fato seria mágico, se pudesse fazê-lo. Mas, ainda assim, não me parece disparatado equiparar a dupla folha — composta de celulóide e de papel de cera — respectivamente à camada de proteção contra os estímulos e ao sistema *P-Cs.* Também podemos comparar a placa de cera ao nosso inconsciente, oculto atrás do sistema *P-Cs.* Além disso, podemos considerar o surgir e o apagar-se da escrita como sendo análogo ao acender e esvaecer da consciência na percepção. Mas devo confessar que me sinto tentado a levar ainda mais longe essa comparação.

No bloco mágico, toda vez que se desfazem os pontos de contato entre o papel que recebe os estímulos oriundos do estilete e a placa de cera na qual se acumulam as ranhuras, a escrita desaparece. Ora, isso coincide exatamente com uma concepção [*Vorstellung*]¹⁰ que eu há muito tempo já tinha a respeito do funcionamento do aparato perceptivo, mas que até então guardava apenas para mim.¹¹ Minha suposição era de que inervações condutoras de cargas de investimento [*Besetzungsinervationen*]¹² fossem periodicamente enviadas em ondas de curta duração ao sistema *P-Cs.* — este, altamente permeável à entrada dessas cargas — para, em seguida, serem novamente recolhidas.

Durante o tempo em que o sistema estivesse sendo ocupado por essas cargas de investimento, ele se manteria ativado e apto a captar as percepções que lhe chegam de fora e se manifestam como consciência. Em seguida, o sistema *P-Cs.* retransmitiria esses novos estímulos que captou para os sistemas inconscientes de rememoração. Entretanto, assim que as cargas de investimentos fossem novamente recolhidas, apagar-se-ia a consciência e toda capacidade de desempenho do sistema seria sustada.¹³ Portanto, tudo ocorreria como se o inconsciente, utilizando-se do sistema *P-Cs.*, estendesse sensores para tatearem no mundo externo e estes — após serem excitados pelos estímulos do ambiente e os degustarem — fossem novamente recolhidos. Como notamos, se no bloco mágico as pausas na escrita ocorrem de fora para dentro, gerando interrupções, em nosso aparato perceptivo as interrupções são causadas por descontinuidades das ondas do fluxo de inervação; e se no bloco há periodicamente a efetiva destruição dos pontos de contato entre folha e placa de cera, em nosso sistema perceptivo há um estado de inexcitabilidade que periodicamente se instala. Finalmente, também fazia parte dessa minha hipótese a idéia que essa forma de trabalho descontínuo do sistema *P-Cs.* originalmente embasou a concepção que o ser humano tem da temporalidade.

Gostaria de encerrar esta breve nota propondo uma imagem: enquanto uma de nossas mãos escreve sobre a superfície da dupla folha que recobre o bloco mágico, a outra, de tempos em tempos, desfaz a escrita, descolando a folha da placa de cera situada logo abaixo. Penso que esta é a melhor forma de visualizar toda a descrição que procurei fazer da função de nosso aparato perceptivo.¹⁴

10

11

12

F: notas de Freud

SE: notas da Standard Edition

T: notas do tradutor brasileiro

■ 1 *Gedächtnis*, “memória”. Obs.: Aqui, na acepção de “capacidade de lembrar”. Além da palavra *Gedächtnis* (memória) que, em geral, refere-se à capacidade de lembrar, Freud emprega outra palavra, por vezes também traduzida por “memória”: *Erinnerung*, cuja acepção, em geral, é de “lembrança” (refere-se aos conteúdos).

■ 2 *Erinnerungsapparat*, “aparelho-de-lembrar”; termo composto por *Erinnerung* e *Apparat*; o verbo *erinnern*, “lembrar”; Alt.: “recordar” ou “lembrar”. Obs.: Aqui, Freud se refere a um *Apparat* (na acepção de “dispositivo”, “aparelho”) cuja função é memorização ou lembrança de imagens visuais, auditivas, olfativas; enfim, de imagens sensoriais em geral.

■ 3 *Erinnerungsspur*, “traço de memória”; termo composto por *Erinnerung* e *Spur*; Alt.: “traço de recordação” ou “traço de lembrança”. Obs.: Aqui, Freud se refere à *Erinnerung* (“memória”) não na acepção de função ou capacidade de arquivar informações, mas como “lembrança”, isto é, aos conteúdos, às imagens, ou melhor, aos traços de imagens (visuais, auditivas, olfativas e sensoriais em geral); *Spur*, “traço”; Alt.: “rastros”; “pista”, “vestígio”, “marca”, “resto”.

■ 4 Esta idéia foi mais detalhada em *O Mal-estar na Cultura* (1930a), *Studienausgabe*, vol. 9. no capítulo III.

■ 5 *Seelischerapparat*, “aparelho psíquico”; Alt.: “psiquismo”, “aparelho anímico”; termo composto por *Seele* e *Apparat*; *Seele*, “psique”; Conot.: no contexto freudiano e psicanalítico, o termo *Seele* não remetia ao sentido espiritual, místico ou literário de “alma”. Seu uso era na acepção de “psique”. Freud, por diversas vezes, mencionou que o sinônimo de *Seele* era a palavra “psique”, por exemplo, em “Tratamento Psíquico” (1890), *Studienausgabe*, volume complementar, p. 17. Obs. 1: Freud utiliza termos tais como *Seelenapparat* e *Seelenstörungen*, que equivalem a “aparelho psíquico” e a “transtornos ou perturbações psíquicas” e não a “aparelho d’alma” ou a “transtornos d’alma”; igualmente, o termo alemão “*Seelenarzt*” era empregado correntemente na acepção de “psiquiatra” e não como “médico d’alma”. Obs. 2: Freud, em alemão, emprega como equivalentes alternativamente *Seele* e *Psyche*; em inglês, o termo *mind* é muito utilizado, e diferente de “mente” do português, *mind* não se refere somente à esfera da razão, mas inclui os afetos e o inconsciente; ver DCAF.

■ 6 *Studienausgabe*, vol. 2, p. 516. Como mencionado por Freud, em *Além do Princípio de Prazer* (1920g), ESPI, vol. II, p. 151, nota 57, esta divisão já foi empreendida por Breuer em sua contribuição teórica aos *Estudos sobre a Histeria* (1895, edição de bolso, p. 152, nota 2).

NOTAS

T.1

T.2

T.3

SE.4

T.5

SE.6

NOTAS

F: Freud SE: Standard Edition T: tradutor brasileiro

144

T.7

■ 7 *Erregungen*, “estímulos”; Alt.: “excitações”; “estimulações”.

E.8

■ 8 A maneira pela qual a folha de cobertura é destacada da lousa de cera é um pouco diferente no “bloco mágico” atual, o que, no entanto, não muda nada em princípio; vide o “Comentário Editorial”, acima, p. 135.

E.9

■ 9 *Reizschutz*, “escudo protetor contra estímulos”; Alt.: “proteção contra estímulos”. Obs. 1: A função do *Schutz* é “manter os estímulos afastados” ou “impedir que os estímulos se aproximem e assim proteger o aparelho psíquico da agressão causada pelo excesso de carga dos estímulos que lhe chegam”. Sobre o termo *Reiz*, “estímulo”: Sign.: “estímulo irritante” ou eventualmente “estímulo instigante/provocante”; Conot.: no uso coloquial de *Reiz* está implícita uma relação de intensidades e qualidades; pode referir-se a um leve comichão que desperta o apetite, atrai e encanta (quando *Reiz* pode ter a acepção de “encanto”; algo provocante, instigante) ou pode referir-se ao excesso de estimulação, algo dolorido e irritativo (provocativo, espicaçante). Obs. 2: Nesse contexto, como em outros, Freud emprega o termo pressupondo o caráter inerentemente irritante e agressivo que *Reiz* tem no idioma alemão; na verdade, todos os mecanismos de defesa têm em comum a função de *Reizabhaltung*, isto é, manter os estímulos afastados, impedidos de atingirem danosamente o aparelho psíquico; ver DCAF.

.10

■ 10 *Vorstellung*, “concepção”; Alt.: “idéia”; “representação mental”; Sign.: “imagem”, “noção”; Conot.: implica imaginar ou visualizar uma imagem; um pensar pela via do imaginário.

.11

■ 11 Freud, no entanto, já havia mencionado esta concepção em *Além do Princípio de Prazer* (1920g), ESPI, vol. II, p. 237 e segs. Ele a repete perto do fim de seu artigo sobre “A Negativa” (1925b), adiante, p. 150. Mas ela já está de forma embrionária no fim do capítulo XIX (“Procedimentos Primários — Sono e Sonho”) na primeira parte do Projeto de 1895 (1950a).

.12

■ 12 *Besetzung*, “investimento”; Alt.: “catexia”, “carga de investimento”, “investimento de carga”; Sign.: o verbo *besetzen* refere-se à ação de “carregar”, “preencher”, “ocupar”, “colocar em”, “aplicar sobre”; o substantivo *Besetzung* pode se referir tanto à ação como ao conteúdo que está depositado; Conot.: evoca a reversibilidade e mobilidade da ação e descreve um movimento flexível e reversível de “ocupar” (“invadir”; “preencher”; “depositar”); *Besetzung*; ver DCAF.

.13

■ 13 Isto confere com o “princípio da impossibilidade de estimular sistemas não investidos”, que é abordado na nota editorial do trabalho metapsicológico sobre sonhos (1917d).

.14

■ 14 Este pensamento também se encontra em *Além do Princípio de Prazer* (1920g), ESPI, vol. II, pp. 152+53, já existindo também alusivamente no trabalho “O Inconsciente” (1915e), ESPI, vol. II, pp. 37-38. Ele será novamente expresso no artigo sobre “A Negativa” (1925h), adiante, p. 150, sendo que aqui Freud atribui o envio de sensores ao Eu.